ISSN: 2358-8829

O FILME WALL-E COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Rosaniele Machado Dutra[1]
Maria Érika de Sousa Silva[2]
Franciane Silva Lima[3]

INTRODUÇÃO

Despertar o interesse e a curiosidade dos alunos constitui um desafio para os docentes. Nesse contexto, as estratégias didáticas desempenham papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois facilitam a compreensão de conteúdos (Dutra et al., 2025). Entre os recursos didáticos disponíveis, o cinema se destaca pela atratividade e pelas características audiovisuais que captam a atenção dos estudantes, além de oferecer potencial de aprendizagem cognitiva, empírica e emocional (García; Alves, 2015). No ensino de Ciências, esse potencial se concretiza quando o filme é planejado e mediado pelo professor, o que aproxima o conteúdo escolar das experiências do mundo real (Santos; Uhmann, 2024).

Essa aproximação é especialmente relevante na educação ambiental, cuja perspectiva crítica relaciona os problemas ambientais ao modo de produção capitalista e aos conflitos dele decorrentes (Costa; Loureiro, 2024). Nessa perspectiva, a abordagem do professor é indispensável para que os estudantes se reconheçam como agentes modificadores do meio ambiente (Dimas; Novaes; Avelar, 2021). Um tema que favorece essa formação é a obsolescência programada, estratégia de reduzir a vida útil dos produtos para estimular a troca periódica, que representa oportunidade de formação crítica, ética e participativa (Reis; Conrado; Pereira, 2024).

Nesse sentido, o filme *WALL-E* (WALL-E, 2008) tem sido proposto como recurso didático lúdico para trabalhar preservação ambiental, sedentarismo, alimentação saudável e desenvolvimento tecnológico (Vasconcelos et al., 2024). Ambientada em uma Terra

1 Graduada em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, rosanielem200@gmail.com;
2 Graduada em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, maria.erika@discente.ufma.br;
3 Doutoranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, lima.franciane86@gmail.com.

tomada pelo lixo, a narrativa permite discutir consumo excessivo, obsolescência programada e impactos do estilo de vida na saúde e no meio ambiente. Diante disso, este estudo teve como objetivo analisar as percepções de estudantes do 7º ano do ensino fundamental, após a exibição do filme, sobre a produção de resíduos, o consumo excessivo e a sustentabilidade, discutindo o potencial da obra como recurso para a educação ambiental.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvida em uma escola da rede privada do município de Buriti (MA), com uma turma do 7º ano do ensino fundamental composta por 18 estudantes. Desse total, apenas seis devolveram o questionário respondido, e foram essas as respostas que constituíram a análise. Os participantes foram identificados por códigos de A1 a A6, de modo a preservar o anonimato. A participação ocorreu mediante termos de consentimento e de assentimento.

Foram utilizadas três aulas de 50 minutos, dedicadas à exibição do longa-metragem *WALL-E* (WALL-E, 2008), com conversa em torno do filme mediada pelo professor. Após a exibição, aplicou-se um roteiro investigativo, respondido por escrito, com 14 questões dissertativas, estruturado em quatro eixos: causas da degradação ambiental; consumo e obsolescência programada; impactos do estilo de vida na saúde; e atitudes sustentáveis no cotidiano.

As respostas foram transcritas e analisadas de forma descritiva e interpretativa: agrupadas por similaridade de sentido nos quatro eixos temáticos do roteiro, definidos previamente, e discutidas a partir do referencial teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os seis participantes tinham entre 11 e 13 anos, sendo quatro meninas e dois meninos. Os resultados são apresentados segundo os eixos do roteiro.

Causas da degradação ambiental

Todos os alunos atribuíram o abandono da Terra à poluição e ao acúmulo de lixo. A5 afirmou que "*a Terra ficou inabitável no filme porque estava muito poluída*" e A6 relacionou o lixo ao comportamento humano: "*houve muito acúmulo de lixo e poluição*

causados pelo consumo exagerado dos humanos". A4 citou "*aquecimento global, a poluição na terra, desmatamento das árvores e sem água*". Ao serem questionados sobre a crítica do filme à sociedade, A2, A4 e A5 também mencionaram lixo e poluição. O broto de planta, símbolo central da narrativa, foi interpretado por todos como esperança: para A3, ele representa "*esperança, vida e renovação*" e o final mostra que "*a Terra pode se recuperar e os humanos voltam para recomeçar*"; A1 o entendeu como "*um jeito de salvar a Terra*".

A predominância de explicações centradas na poluição e no lixo, sem referência a causas estruturais, aproxima as respostas das macrotendências conservacionista e pragmática da educação ambiental (Layrargues; Lima, 2014; Layrargues; Torres, 2022), que enfatizam resíduos e consumo, mas pouco questionam suas causas, distanciando-se da perspectiva crítica (Loureiro; Layrargues, 2013). Já a leitura do broto como esperança sugere que o filme sensibilizou os alunos sem produzir uma visão catastrófica, em consonância com Thanakong e Kaowiwattanakul (2024), segundo os quais filmes são capazes de sensibilizar estudantes acerca de questões socioambientais complexas.

Consumo e obsolescência programada

A relação entre consumo e produção de lixo foi compreendida de forma consistente. A2 explicou que "*quanto mais consome, mais lixo é produzido, como poluição, plásticos e resíduos*" e A6, que "*quanto mais as pessoas consomem, mais produtos descartam, gerando grandes quantidades de lixo*". Apenas A3 mencionou o lado da produção: "*as fábricas continuavam e jogavam coisas fora*". A2 e A6 identificaram a crítica do filme no consumismo, e A6 acrescentou o desperdício e a dependência da tecnologia. Quatro dos seis alunos relataram já ter trocado algo que ainda funcionava por algo novo: "*uma bolsa*" (A1), "*um celular funcionando por um mais moderno*" (A6) e "*uma motinha por um brinquedo do Batman*" (A4). A2 respondeu apenas "*sim*", enquanto A3 e A5 disseram "*não*", e A5 justificou: "*utilizo bem minhas coisas*".

Os alunos estabeleceram uma relação causal clara entre consumo e resíduos, mas a maioria a tratou sob a ótica do indivíduo que descarta, e não do mercado que estimula o consumo. Conforme destaca Wheeler (2025), os fatores econômicos que impulsionam o desperdício costumam ser desconsiderados, limitando a discussão a aspectos comportamentais. As trocas relatadas remetem à lógica da obsolescência programada

(Reis; Conrado; Pereira, 2024), embora, nas respostas analisadas, o conceito não tenha sido nomeado. A obsolescência programada é definida por Rossini e Naspolini (2017) como uma estratégia de desenvolvimento programada pela indústria para que os produtos tenham o fim de sua vida útil antecipado com o intuito de estimular o consumo. Tendo em vista que o conceito pode ser complexo para esta faixa etária, a mediação do cinema juntamente com a discussão orientada foi utilizada para aproximar os alunos desse conceito (Piovesan; Barbosa; Costa, 2010), mas os dados indicam compreensão parcial, o que fortalece a necessidade de o professor retomar o conceito após a exibição.

Mesmo com a conversa mediada pelo professor, as respostas permaneceram centradas no indivíduo, o que sugere que a mediação, discutida na introdução, precisa ser intencionalmente direcionada ao sistema de produção e ao papel das corporações para que a sensibilização avance para a reflexão crítica.

Impactos do estilo de vida na saúde

Todos descreveram a obesidade dos humanos na nave e a relacionaram à falta de movimento. A1 respondeu que "*ficaram obesos porque só ficavam sentados sem fazer exercícios*"; A3 os descreveu como "*muito gordinhos, com pernas fracas e não conseguiam se mexer sozinhos, pois a tecnologia fazia tudo*"; outro participante (A6) como "*fracos e obesos e com pouca mobilidade*"; e A2 citou "*ossos frágeis*". Cinco dos seis alunos responderam que a tecnologia tornou os humanos mais dependentes, como A5: "*a tecnologia faz tudo por eles*". A4 levou o tema para a vida real, sugerindo "*comer alimentos saudáveis e menos alimentos ultraprocessados*".

A força dessa categoria pode estar relacionada ao impacto visual das cenas, já que o cinema atua como mediador cultural que sensibiliza o espectador. Além disso, indica que o filme permitiu associar consumo, tecnologia e saúde, indo além da dimensão ambiental, o que dialoga com García (2015), para quem a ficção auxilia na compreensão do real.

Atitudes sustentáveis no cotidiano

Ao serem questionados sobre como ser mais sustentáveis, os alunos propuseram reduzir o consumo, reutilizar e reciclar (A3, A5), economizar água, comprar só o necessário e usar transportes menos poluentes (A2) ou bicicleta (A3). A3 também citou a

redução de produtos embalados, "*como salgadinhos, biscoitos*". A5 destacou a conscientização: "*nos conscientizar de que não podemos poluir o mundo*".

Essas respostas mostram que os alunos reconheceram no próprio comportamento o consumo criticado no filme, o que caracteriza a articulação entre narrativa e cotidiano, ao tratarem das narrativas audiovisuais (García, 2015). As atitudes propostas, porém, são predominantemente individuais (reduzir, reutilizar, reciclar), coerentes com a perspectiva pragmática discutida acima (Layrargues; Torres, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo analisou as percepções de seis estudantes do 7º ano após a exibição do filme *WALL-E*. Os participantes relacionaram o abandono da Terra ao lixo e à poluição, reconheceram impactos do consumo e do sedentarismo sobre a saúde e identificaram, em seus próprios hábitos, práticas de consumo criticadas no filme, o que indica que o recurso sensibilizou os estudantes e aproximou o tema de seu cotidiano. Por outro lado, predominaram explicações individuais e conservacionistas, com pouca referência aos modos de produção e ao papel do mercado, e a obsolescência programada não foi tratada como conceito. O filme favorece a sensibilização, mas, mesmo com mediação, não garantiu por si só a reflexão crítica. Por se tratar de um estudo descritivo com seis participantes e de um roteiro que não abordou a atuação das corporações, os resultados não podem ser generalizados. Recomenda-se ampliar a amostra, incluir no roteiro questões sobre a corporação retratada no filme e direcionar a mediação aos modos de produção e consumo e à obsolescência programada, em consonância com a educação ambiental crítica.

REFERÊNCIAS

COSTA, C. A.; LOUREIRO, C. F. Educação Ambiental crítica e conflitos ambientais: reflexões à luz da América Latina. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 22, e59508, 2024.

DIMAS, M. S.; NOVAES, A. M. P.; AVELAR, K. E. S. O ensino da Educação Ambiental: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 501-512, 2021.

DUTRA, R. M. et al. **Dificuldades de aprendizagem em ciências: um estudo sobre o conteúdo energia no ensino fundamental**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2025.

GARCÍA, F.; ALVES, P. O cinema de ficção como instrumento para a aprendizagem. In: VALENTE, A. C.; CAPUCHO, R. (org.). **Avanca Cinema 2015**: international conference. [S. l.]: Edições Cine-Clube, 2015.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental contemporânea no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, 2014.

LAYRARGUES, P. P.; TORRES, A. B. F. Por uma educação menos seletiva: reciclando conceitos em Educação Ambiental e resíduos sólidos. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, São Paulo, v. 17, n. 5, p. 33-53, 2022.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53-71, 2013.

PIOVESAN, A.; BARBOSA, L.; COSTA, S. B. Cinema e educação. In: COLÓQUIO EAD COMUNICAÇÃO, 2010, [S. l.]. **Anais** [...]. [S. l.: s. n.], 2010.

REIS, M. B.; CONRADO, D. M.; PEREIRA, A. S. Obsolescência programada no ensino de ciências: reflexões no contexto da educação CTSA. **Caminhos da Educação Matemática em Revista**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 135-148, 2024.

ROSSINI, V.; NASPOLINI, S. H. D. F. Obsolescência programada e meio ambiente: a geração de resíduos de equipamentos eletroeletrônicos. **Revista de Direito e Sustentabilidade**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 51-71, 2017. DOI: 10.26668/IndexLawJournals/2525-9687/2017.v3i1.2044.

SANTOS, E. F.; UHMANN, R. I. M. Filmes comerciais de educação ambiental e o ensino de ciências. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, São Paulo, v. 19, n. 5, p. 36-51, 2024.

THANAKONG, K.; KAOWIWATTANAKUL, S. Green Discussion: Raising ESP Students' Environmental Awareness Through Film Circles. **Theory and Practice in Language Studies**, [S. l.], v. 14, n. 10, p. 3257-3267, 2024.

VASCONCELOS, A. L. R. O.; BRANDÃO, A. C.; PEREIRA, L. D.; SILVA, M. G.; BARROS, M. D. M. Guia do educador para o filme "Wall-E". **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 23, n. 33, p. 24-35, 2024.

WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Produção: Jim Morris. Estados Unidos: Pixar Animation Studios; Walt Disney Pictures, 2008. 1 filme (98 min), son., color.

WHEELER, K. Bringing the sociology of sustainable consumption into conversation with education for sustainable development. **Environmental Education Research**, [S. l.], v. 32, n. 4, p. 885-914, 2025. DOI: 10.1080/13504622.2025.2572821